



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à Rede CNBC

Nova York-EUA, 24 de setembro de 2009

Jornalista: (em inglês) Senhor Presidente, obrigada por sua participação. O senhor está em Nova Iorque para as reuniões da ONU. Pode nos dizer como estão sendo as reuniões desta semana?

Presidente: Olha, eu penso que a ONU é sempre um palanque para que cada país venha aí e explicita a sua vontade política, as coisas do seu país. Eu penso que a ONU precisava de uma certa reforma para que a gente pudesse ter maior representatividade dos países importantes do mundo.

Não é uma tarefa fácil, porque quem está como membro permanente do Conselho de Segurança não quer sair ou não querem colocar mais gente. Mas o dado concreto é que a fotografia da ONU, de 2010, não é a fotografia da ONU de 60 anos atrás. O mundo mudou, a política mudou, novos atores estão aí para todo mundo ver e ouvir, e eu penso que a ONU deveria se adequar à nova realidade. Nós já tivemos revoluções tecnológicas e era preciso ter uma revolução política para que a ONU se abrisse mais e passasse a representar um pouco a realidade contemporânea e não a realidade de 60 anos atrás.

Mas sempre é um palco importante para que cada um venha, diga suas coisas. Eu, de vez em quando, brinco que a ONU é uma feira de discursos ideológicos, de propostas, em que a gente vem, vende o que a gente quer, compra o que a gente quer e vai embora. Mas, de qualquer forma, é um espaço muito importante para que cada presidente dê a sua mensagem ao restante do mundo.



Jornalista: (em inglês) O que será preciso para que o senhor saia dessas reuniões, tanto da ONU quanto do G-20, acreditando que elas foram um sucesso? O que você espera conseguir?

Presidente: Olha, quando você vem fazer um discurso na ONU, você vem dar uma mensagem que você considera importante. Eu, por exemplo, quis falar da governança progressista, quis falar da crise econômica e quis falar da questão do clima, que são três assuntos extremamente importantes para o mundo e que nós não podemos fugir de discutir esses assuntos.

Eu penso que às vezes a gente coloca muito a máquina burocrática de cada Estado para trabalhar e os líderes não tomam decisões importantes, porque tem decisões que são dos líderes, não é a burocracia que resolve: por exemplo, a Rodada de Doha; por exemplo, a questão do clima; por exemplo, a questão da crise econômica. Se os líderes não tomarem posição, não serão os nossos assessores que vão tomar essas posições. E por isso que eu acho que é importante você focar nos assuntos principais.

Ora, no G-20, eu penso que nós estamos diante de uma boa oportunidade de fazer as coisas que não fizemos no passado. Houve um tempo em que todos os países do mundo passaram a acreditar que o mercado não precisava de regulação, ou seja, cada um fazia o que quisesse, cada um aplicava dinheiro como quisesse, os bancos faziam o que bem entendiam, sem que os governantes tomassem posições. Eu nunca consegui admitir um governante não ser indutor da economia do seu país, do desenvolvimento do seu país. Eu não quero um presidente ou um Estado que seja o gestor, que seja o administrador. Eu quero o Estado que seja o indutor e ao mesmo tempo regulador. Se nós pegarmos a crise econômica, nós vamos perceber o seguinte: uma das razões da crise é que os bancos, sobretudo, nos Estados Unidos, não tinham parâmetro para alavancar os empréstimos. Quando um banco faz a alavancagem de uma quantia de dinheiro, muitas vezes superior



ao seu patrimônio líquido, esse banco está emprestando o que ele não tem, e aí nós tivemos a crise que tivemos.

Graças a Deus, no Brasil, nós temos um sistema financeiro controlado, ou seja, só pode alavancar, no máximo, 10% do seu patrimônio líquido. Nós temos bancos públicos muito importantes no Brasil, de um lado o BNDES, que é um grande banco de investimento para o desenvolvimento brasileiro, que tem mais recursos do que o Banco Mundial. Nós temos o Banco do Brasil, que é o primeiro banco brasileiro, é um banco público, mas ele tem ações no mercado. Agora, mesmo acabei de assinar uma lei mandando abrir 20% das ações do Banco para serem vendidas para estrangeiros. E temos a Caixa Econômica Federal, que financia habitação e saneamento básico.

Então, quando a crise chegou, o Brasil tinha instituições sólidas para enfrentar a crise e para fazer os empréstimos que desapareceram em nível internacional. Então, o G-20 tem a oportunidade de repensar um pouco o papel dos governantes e o papel dos Estados, porque nessa época de crise é muito fácil governar um país quando está tudo tranquilo, mas os líderes existem exatamente para governar em adversidade. É nessas horas que a gente tem que tomar decisão imediata, ninguém pode vacilar. Por exemplo, quando caiu a venda de automóvel no Brasil, nós não tínhamos crédito para financiar carro usado, eu tomei a decisão de mandar o Banco do Brasil comprar um banco privado que tinha *expertise* em financiamento de carro utilizado. Para quê? Para que nós não deixássemos faltar crédito. Na primeira semana, nós tomamos a decisão de desonerar determinados impostos dos carros para reativar o mercado interno brasileiro. E aconteceu, rapidamente... Nós tivemos a crise mais forte no final do ano e no começo do ano, em março, qualquer brasileiro que quisesse comprar carro, já tinha que entrar em uma fila e esperar 4 ou 5 meses para ter um carro novo.

Então, eu penso que, é nessas horas que precisa do governo e é nessas horas que precisa do Estado, e o G-20 tem que tomar essa decisão. A minha



preocupação com o G-20 é que os líderes estejam se conformando porque a crise está se debelando, não podemos dizer que a crise acabou, mas deu sinais de que ela chegou a um patamar que não tem para onde descer mais e não querem mudar nada, e nós temos que mudar. Nós temos que mudar o papel do FMI, nós temos que mudar o papel do Banco Mundial e nós temos que controlar o sistema financeiro. Controlar no sentido de não permitir que eles façam alavancagem maior, muitas vezes maior do que o seu patrimônio líquido, que é o que dá garantia de um banco ser sólido.

Portanto, eu sou sempre otimista. É sempre muito difícil porque cada um tem o seu público interno, em um país tem eleição, então as pessoas ficam sempre com medo de não prejudicar o seu público interno, mas eu acho que tem uma hora que quem é líder não tem que pensar apenas no seu público interno, ele tem que pensar no que vai ajudar a resolver o problema de um mundo debilitado no setor financeiro.

Jornalista: (em inglês) Entendo o que o senhor quis dizer sobre alavancagem. É óbvio que todo o sistema, particularmente nos Estados Unidos, ficou fora de controle. Neste momento, o senhor acha preocupante que se tenha regulação demais e governo demais nos negócios, já que pêndulo pode mover-se para muito longe, devido ao que acabou de acontecer?

Presidente: O que nós precisamos é encontrar o caminho do meio. Eu nem quero governo demasiado e nem quero nenhum governo... Ou seja, o que eu quero é que a gente encontre o caminho do meio.

Eu poderia dar o exemplo do Brasil, eu poderia dar o exemplo do Brasil. O Brasil encontrou um caminho do meio, nem o Estado é demasiado e nem o Estado inexistente. Ou seja, nós existimos naquilo que é importante existir, fazemos aquilo que é um processo de indução, por exemplo, quando uma grande empresa quer se instalar no Brasil, muitas vezes, eu discuto com o



empresário que quer fazer o investimento qual a região do País que seria importante ele fazer o investimento. Para quê? Para que a gente possa induzir o desenvolvimento regional no País, para não ficar concentrado apenas nas cidades mais ricas, ou seja, tentar levar o investimento para toda as regiões do País. É isso que eu acho que é o papel do Estado. O papel do Estado é exatamente isso. O papel do Estado é não permitir o que vinha acontecendo com o sistema financeiro, ou seja, as pessoas estavam trabalhando com papéis, era um banco que comprava papel do outro, que vendia papel para o outro, que vendia papel para o outro, e não se produzia um sapato, não se produzia um terno, não se produzia uma caneta. Então, assim a economia não pode funcionar. Um dia, ela vai explodir e o que nós precisamos é então ter esse certo controle para não permitir que as coisas aconteçam da forma que aconteceu.

Eu acho que nós tivemos uma lição. Foi um ensinamento que a crise nos deu. Cabe agora a nós termos maturidade de aprender, tomar as decisões e evitar que essa crise se repita. Eu não sei se você tem lembrança quando, no ano retrasado, no mês de maio, mais ou menos em junho, o petróleo foi para US\$ 150 o barril, a soja subiu muito, ou seja, as *commodities* estouraram no mercado internacional. Ora, o que era aquilo? Aquilo já era uma parte dos investidores saindo do *subprime* e correndo para a Bolsa de Futuro no mercado de alimentos e de petróleo, porque não havia nenhuma explicação para o petróleo sair de U\$ 30 dólares para U\$ 150 dólares, em tão pouco tempo.

Ora, nós não podemos permitir essa especulação, nós não podemos permitir porque isso traz prejuízo às pessoas mais pobres do mundo, traz prejuízo na oferta de empregos, e, conseqüentemente, nós só temos uma razão para querermos que a economia cresça que é para crescer o bem-estar da sociedade junto com o crescimento da economia senão, a economia não pode crescer apenas para meia dúzia de pessoas, ela tem que crescer para todo o país.



Jornalista: (em inglês) Gostaria de perguntar sobre a economia brasileira agora. Muita gente fala que a economia do Brasil é mais vibrante do que a o resto do mundo, ou de alguns lugares do mundo. O senhor se preocupa com o valor do Real e com os preços das commodities hoje?

Presidente: Olha, eu sempre fico preocupado com a valorização do Real, sempre fico preocupado porque isso facilita as nossas importações e dificulta as nossas exportações, então, isso me preocupa. Agora, nós fizemos uma opção de ter o câmbio flutuante e nós temos que ter claro que o câmbio flutuante flutua e que a gente não pode fazer muita coisa, a não ser que a gente tente... O Banco Central tirar mais dólares do mercado... nós estamos propondo uma coisa nova que nós já fizemos com a Argentina. Nós estamos propondo que as trocas comerciais sejam feitas entre as moedas do país, sem precisar comprar os dólares. Nós, agora, estamos discutindo com os Brics, com a China, com a Rússia e com a Índia, que o nosso fluxo de Balança Comercial seja feito nas nossas moedas, tendo como garantia os bancos centrais. Torna menos onerosas as nossas exportações e as nossas importações, mais rápido e a gente então, não precisa comprar dólar, portanto a gente pode manter a nossa moeda em uma situação mais confortável. Nós estamos discutindo, eu acho que até o próximo ano nós deveremos fechar um acordo com os Brics para que a gente faça trocas comerciais nas nossas moedas e isso pode ser feito com outros países. Com a Argentina a experiência é muito bem-sucedida e nós queremos estender para o Mercosul, para que a gente não precise comprar dólar valorizando demais o próprio dólar e isso eu penso que é uma saída para os países. Obviamente, que tem gente que é contra, nós vamos ter que ter consciência que isso não é uma coisa que vai ser aceita tranquilamente pelo mundo, mas é um debate. É um debate e nós queremos fazer esse debate já com a certeza de que tem uma experiência bem-sucedida, que é a



experiência Argentina e Brasil.

Jornalista: (em inglês) Então, é correto dizer que o senhor acha que o dólar vai continuar se desvalorizando?

Presidente: Veja, eu não quero o dólar fraco e eu não quero o real forte, ou seja, o que eu quero é que as moedas tenham um certo equilíbrio para que a gente tenha a certeza... No Brasil, teve um dia em que o dólar valia 1 real, era um a um. No dia seguinte, precisava quatro reais para comprar um dólar. Então, teve muita gente que quebrou, muita gente. Muita gente devia US\$ 100 milhões, acordou devendo US\$ 400 milhões. Nós não queremos essas surpresas na economia.

Eu digo sempre que eu não sou economista, mas como eu fui dirigente sindical e durante muito tempo eu tive que negociar com os empresários, eu fui obrigado a aprender um pouco de economia. E eu acho que a coisa mais sagrada na economia é não ter surpresa, é a pessoa levantar e deitar no mesmo ritmo da economia, porque as pessoas não podem... No Brasil, havia o hábito de fazer plano econômico, cada ministro que entrava inventava um pacote econômico, depois de seis meses, o pacote não dava certo e o povo ficava com o prejuízo. E eu tomei a decisão: não tem pacote, não tem mágica, tem seriedade. Nós temos que fazer o que é correto fazer, todo mundo tem que saber o que nós vamos fazer, porque a gente não pode ficar brincando com os sentimentos da pessoa, que pode ficar com medo ou não da ação de um governo. Para mim, é tudo feito à luz do dia, na área econômica, que é o que me dá garantia: eu ser sincero com o meu povo e eles saberem que eles são sinceros comigo. E, aí, as coisas funcionam bem.

Jornalista: (em inglês) Deixando preços de lado, o senhor pode nos dar uma idéia da demanda de *commodities*: petróleo, soja, açúcar e outras



commodities?

Presidente: Olha, nós estamos convencidos, e os resultados já estão aparecendo, é que as *commodities* vão ser valorizadas, e acho que o mundo, cada vez mais, vai precisar de alimentos. E eu acho que o Brasil tem uma possibilidade extraordinária, porque nós somos o país do mundo que tem a maior área de terra agricultável do Planeta. Só para você ter ideia, a cana-de-açúcar, que produz etanol, só ocupa menos de 2% da terra agricultável do Brasil.

Então, nós temos uma imensidão de terras para plantar alimentos. E eu fico torcendo que o mundo possa comer mais, que a África possa comer mais, que a China possa comer mais, que a Índia possa comer mais, porque aí o Brasil pode produzir mais. Agora, é preciso que a gente tome cuidado para que o preço não fuja à possibilidade de compra do povo que precisa de alimento.

Na questão do petróleo: a questão do petróleo, veja, eu acho que o petróleo deveria se estabilizar... tem uns que acham que ele deveria se estabilizar em 90, se estabilizar em 80. Eu acho que o petróleo não pode ser a razão do sufoco dos países, hoje. O Brasil já é autossuficiente em petróleo. O Brasil, agora, acaba de descobrir uma grande jazida de petróleo em uma área de 149 mil quilômetros quadrados, reservas muito grandes, a 7 mil metros de profundidade, e nós fizemos o marco regulatório do petróleo para não permitir que a gente vire um país exportador de petróleo e comece a gastar o dinheiro à toa, comece a jogar dinheiro fora, porque viramos ricos e, daqui a pouco, todo mundo está pensando que é xeique.

Então, o que eu fiz? Eu mandei o marco regulatório em que a gente termina com o regime de concessão e passa para o regime de partilha. E nós criamos um fundo, e esse fundo, com o dinheiro do petróleo, ele será utilizado para investimento em educação, em ciência e tecnologia, para acabar com a



pobreza no nosso país, para a questão ambiental e para a questão cultural, de forma prioritária.

Nós vamos ter um fundo, que vai ser um fundo muito importante, e o rendimento desse fundo, que será aplicado onde for mais rentável, nós iremos utilizá-lo para resolver os problemas crônicos que o Brasil não resolveu no século XX. Nós não queremos vender petróleo cru, ou seja, vender... nós queremos vender valor agregado, nós queremos vender derivados do petróleo. Por isso, estamos fazendo três novas, na verdade, quatro novas refinarias, uma de 250 mil barris/dia, outra de 300 mil barris/dia, outra de 600 mil barris/dia, porque nós queremos vender gasolina, vender óleo diesel, vender os derivados de petróleo e não vender o petróleo cru.

Jornalista: (em inglês) Como o senhor caracteriza a economia brasileira hoje? Como ela é?

Presidente: Veja, nós ainda temos muita coisa para fazer no Brasil, mas eu acho que o Brasil vive uma espécie de momento mágico na economia. Foram poucos momentos na história do Brasil em que a sociedade tem a certeza de que as coisas estão caminhando bem. Essa crise atrapalhou um pouco porque, sabe, era um choque. Eu tive que ir para a televisão pedir para o povo consumir, porque as manchetes dos jornais eram quase criadoras de um pânico enorme. Eu fui para televisão e disse: olha, se você não consumir, você vai perder o seu emprego, porque se você não consumir, a loja não vende, a loja não compra da fábrica, a fábrica não produz, portanto, nós vamos perder emprego. E o povo pobre, na verdade, consumiu.

Então, eu acho que a economia está bem. Já cresceu um 1,9[%] no segundo semestre, o que é uma coisa extremamente importante, e nós estamos muito otimistas para 2010. Eu acho que a economia brasileira pode crescer por volta de 5% em 2010. Nós estamos fazendo uma forte política de



transferência de renda para os setores mais pobres da população, nós estamos fazendo uma forte política educacional, porque nós estamos com 100 anos de atraso nessas áreas. Então, é preciso que a economia cresça, mas que você vá fazendo com que os mais pobres subam um degrau. Portanto, eu acho que o Brasil está preparado para muitos investimentos, nós temos um programa de investimento que envolve praticamente US\$ 359 bilhões em ferrovia, portos, aeroportos, estradas. Nós assumimos o compromisso, no auge da crise, de fazer um milhão de casas populares para o povo que ganha até três salários mínimos. Então, as coisas estão andando. As coisas estão sólidas, a indústria voltou a crescer, a construção civil está crescendo muito, o consumo está crescendo, e nós agora só precisamos ter tranquilidade para que as coisas continuem bem, porque acho que o Brasil não pode jogar fora o século XXI como jogou o século XX.

É importante lembrar sempre, porque as pessoas pensam que o Brasil sempre foi um país pobre: de 1950 a 1980, o Brasil teve um crescimento acima de 7% ao ano. Teve ano que cresceu 14%, mais do que a China. Entretanto, o que aconteceu? Não houve distribuição de renda. Quem era rico ficou muito rico e quem era pobre ficou muito pobre. E nós, agora, invertemos. Nós, agora, queremos alavancar os pobres, porque quanto melhor estiver a vida do pobre, mais vai melhorar a vida do empresário, porque quanto mais consumidores nós tivermos, mais empresas nós precisamos para produzir, mais investimentos no setor de serviços.

Jornalista: (em inglês) Quais países são suas prioridades em termos de comércio? O senhor se preocupa com as recentes mudanças nas políticas comerciais, colocando restrições - como os Estados Unidos colocando barreiras aos pneus chineses, etc? No caso do Brasil, quais são as prioridades? Índia e China?



Presidente: Olha, me preocupa muito a volta do protecionismo. Preocupa-me, porque durante muito tempo eu ouvi os líderes dos países desenvolvidos dizerem que era preciso ter livre comércio, que não teria que ter barreira, que era preciso... Isso, quando eles queriam vender para nós. Agora, é importante eles saberem que não pode ter protecionismo. O Brasil tem se posicionado contra qualquer prática protecionista. O Brasil tem se posicionado para que nós terminemos a Rodada de Doha, para ajudar os países mais pobres.

O Brasil sempre tem [teve] uma relação privilegiada com os Estados Unidos, com a Europa, mas em 2003 nós tomamos uma decisão de diversificar a relação comercial do Brasil. A gente não poderia ficar dependendo de ter o nosso fluxo comercial 30% com os Estados Unidos, 30% com a Europa e pouca coisa com os outros países. Então, nós resolvemos diversificar para a América do Sul e para a América Latina, resolvemos diversificar para o mundo africano, resolvemos levar para os países árabes, e obviamente que a Índia e a China.

Mesmo nós... Mesmo o Brasil crescendo 20% ao ano a sua balança comercial com os Estados Unidos, nós crescemos mais com os outros. Isso é muito importante, porque na época da crise, o que aconteceu? Na época da crise, nós não dependíamos de um único país, ou de um único bloco, por exemplo, como o México dependia muito dos Estados Unidos. Nós tínhamos uma diversificação de países em que a gente colocava os nossos produtos e o mais importante é que as exportações, elas representam apenas 13% do PIB brasileiro, o Brasil não é dependente da política de exportação como a Alemanha, por exemplo, ou o próprio México para os Estados Unidos. O Brasil diversificou e isso nos dá uma maior segurança. E, agora, com esse sistema de fazer as trocas comerciais nas moedas dos países com garantia dos bancos centrais, nós vamos poder facilitar a vida dos países, inclusive, em alguns casos, nós estamos dando crédito para que o país possa comprar produtos brasileiros. Eu espero, espero que os Estados Unidos da América do Norte,



que a União Europeia, não comecem agora a brincar de protecionismo porque isso é contra tudo o que eles falaram nos últimos 50 anos. Então, agora é o seguinte: é livre comércio, de verdade, que vai ajudar a resolver o problema da crise e não protecionismo. Protecionismo não ajudará a resolver a crise. Nós vamos votar, os estados com uma forte posição apenas interna, dos anos 50 e nós queremos pensar no ano 2050 e não em 2000 ou 1950.

Jornalista: (em inglês) Parabéns pela campanha do Rio para os Jogos Olímpicos, estamos ansiosos para cobrir o evento. O senhor gostaria de acrescentar alguma coisa sobre isso?

Presidente: Olhe, é muito difícil porque eu sei que Chicago é uma cidade extremamente importante, eu sei que Madri é uma cidade importante, Tóquio é uma cidade importante. O que eu acho que deva acontecer? O Brasil há muito tempo está entre as 10 economias do mundo, as 10 maiores, e é o único das 10 maiores economias que nunca realizou uma Olimpíada. Os Estados Unidos já tiveram quatro Olimpíadas, mais quatro de Inverno, são oito Olimpíadas, a Espanha já teve, Tóquio já teve... Por que o Brasil não tem o direito de ter uma Olimpíada? A América do Sul? São 180 milhões de jovens que estão ali, tudo em fronteira com o Brasil, que podem assistir uma Olimpíada.

A Olimpíada, para os outros será apenas mais uma, mas para o Brasil será a autoafirmação de um povo, será a autoafirmação de uma juventude, e neste momento em que a economia brasileira está sólida, está crescendo, que tem compromisso do Estado federal, estadual e municipal, por que não o Brasil fazer umas Olimpíadas? Com uma vantagem que os outros países não têm: é que os atletas, em vez de terminarem a sua competição e irem para uma hidromassagem dentro de um quarto, eles vão tomar um banho nas praias mais belas do mundo para recuperar as suas energias e ganhar novas medalhas no dia seguinte.



Eu trabalho com essa disposição de que os delegados que vão votar tenham olhos bem abertos para o Rio de Janeiro.

Jornalista: (em inglês) Muito obrigada pelo seu tempo. Agradecemos muito.

Presidente: Obrigado a você.

(\$31DHJMQ)